

Síntese do Informe:

A United Nations Population Fund (UNFPA) apresentou seu relatório anual O Estado da População Mundial, que recentemente atingiu 8 bilhões de pessoas. Nesse cenário, discussões demográficas como “somos muitos” ou “somos poucos” se colocam acima dos direitos reprodutivos das mulheres. A agência problematiza essas visões limitadoras e propõe uma perspectiva diferente das perguntas que devem ser feitas. Além do relatório, as informações estão disponíveis em forma de vídeo e site interativo produzido com imagens feitas por inteligência artificial.

Oito bilhões de vidas, possibilidades infinitas e a defesa de direitos e escolhas

Maria Teresa Rossetti Massari
Maria Auxiliadora de Souza Mendes Gomes

UNFPA

Com 8 bilhões de pessoas, a população mundial é a maior que já existiu. Neste momento demográfico marcante, pode ser tentador concluir que a dinâmica populacional é a causa raiz de vários desafios que se cruzam no mundo. Alguns culpam os recursos cada vez menores e os conflitos violentos por haver “muitos” de nós; outros temem que a queda nas taxas de natalidade deixará o planeta sem pessoas, com “muito poucos” para sustentar a vida como a conhecemos.

No entanto, o mundo é também um lugar de ansiedade e incertezas. Desafios como as mudanças climáticas, turbulência econômica, conflitos e a pandemia de COVID-19 nos levaram a uma encruzilhada, onde a ameaça de um futuro pior para a humanidade parece tão possível quanto a promessa de um futuro melhor.

Um mundo com “muitos”.
Um mundo com “muito poucos”.
Qualquer uma das opções parece levar a apenas um caminho: medo, culpa e controle. Mas a verdade é que as pessoas nunca foram o problema.



Questões Demográficas

A população humana sempre passou por transformações. A cada momento de mudança demográfica, os alarmistas populacionais torcem as mãos, alertando contra “booms” ou

“quedas” populacionais. Ainda assim, apesar das previsões frequentemente repetidas de colapso social, a história deixou claro que a humanidade pode não apenas sobreviver à mudança populacional – mas prosperar por causa disso.

Isso não significa que as tendências populacionais não sejam importantes. E precisamente por serem tão importantes as narrativas simplistas e superficiais de “muitos” ou “muito poucos” deve ser superada. O risco que essas narrativas representam é considerar as taxas de fecundidade como um problema a ser resolvido, reduzindo o corpo da mulher a campo de batalha político e negando seu direito à autonomia. Mas como combater o alarmismo populacional e salvaguardar os direitos reprodutivos e as escolhas para o futuro?

O PROBLEMA COM 'MUITO'

De acordo com os alarmistas da população, o mundo está invadido e prestes a explodir. Políticos, especialistas da mídia e até alguns acadêmicos afirmaram que os desafios globais, como instabilidade econômica, mudanças climáticas e guerras por recursos, podem ser atribuídos à superpopulação – demanda excessiva e oferta insuficiente.

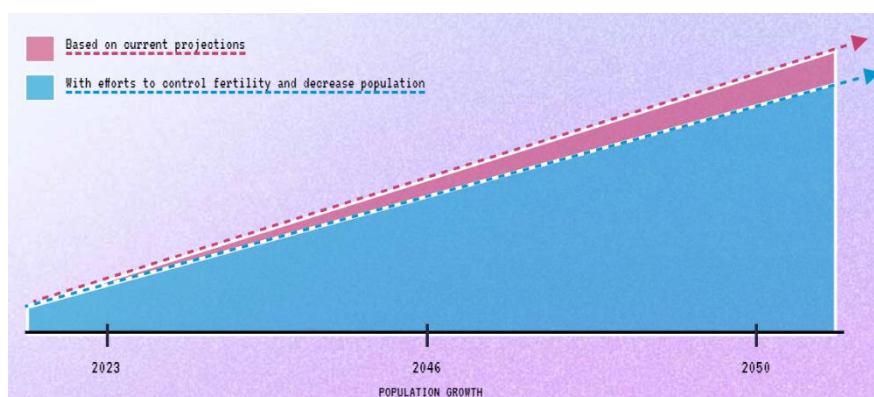
Eles expõem um quadro de taxas de natalidade fora de controle, geralmente direcionando críticas às comunidades pobres e marginalizadas que há muito tempo são retratadas como reproduzindo de forma imprudente, apesar de fazerem as menores contribuições para questões como a destruição ambiental e mudanças climáticas. Esta narrativa simplifica demais questões complexas e causa danos reais.

Quais são os fatos?

1. Expectativa de Vida - A expectativa de vida global atingiu 72,8 anos em 2019 – um aumento de quase 9 anos desde 1990. Espera-se ainda que ela chegue a 77,2 anos até 2050.

>>Isso é algo a ser comemorado.

2. Crescimento Populacional - A maior parte do aumento projetado na população global até 2050 será impulsionado pelo crescimento passado. Isso significa que novas ações dos governos destinadas a reduzir a fertilidade farão pouco para diminuir o ritmo de crescimento entre agora e 2050.



3. Emissões - Metade de todas as emissões vem dos 10% mais ricos da população mundial e, portanto, confundir o aumento das emissões com o crescimento populacional é um erro.

Talvez o resultado mais alarmante da narrativa do “muitos” seja que, ao culpar uma população crescente por questões globais, sugere-se que alguns valem mais a vida do que outros. Que alguns merecem sobreviver e se reproduzir, enquanto outros não. E a história já mostrou que esse pensamento leva a humanidade a um caminho sombrio.

Vozes de 'MUITOS' - Em uma pesquisa com quase 8.000 pessoas em oito países (Brasil, Egito, França, Hungria, Índia, Japão, Nigéria e Estados Unidos), a visão mais comum era que a população mundial atual era muito grande.

Figura - Visão sobre as taxas de fertilidade global



Fonte: UNFPA/YouGov survey, 2022.

Mudando a Narrativa:

- **População crescente ameaça o planeta: estamos condenados?**
- Os menos responsáveis e mais afetados: como as mudanças climáticas prejudicam os mais vulneráveis do mundo?

- **Identidade nacional ameaçada pelo fluxo de migrantes.**
- Sociedades inclusivas são fundamentais para desenvolver a resiliência demográfica.

- **Para parar a mudança climática, tenha menos filhos.**
- Para frear a crise climática, as corporações devem reduzir urgentemente as emissões

Não é preciso acreditar na narrativa de que os corpos das mulheres e as escolhas reprodutivas são o problema ou a solução para a “superpopulação”. É importante reforçar que as escolhas individuais são fundamentais, além da adoção de uma abordagem de justiça sexual e reprodutiva para apoiar todas as formas de progresso humano.

Isso significa focar em investimentos em educação, saúde, energia limpa e acessível e trabalhar pela igualdade de gênero, ao invés de tentar reduzir o número de pessoas no planeta.

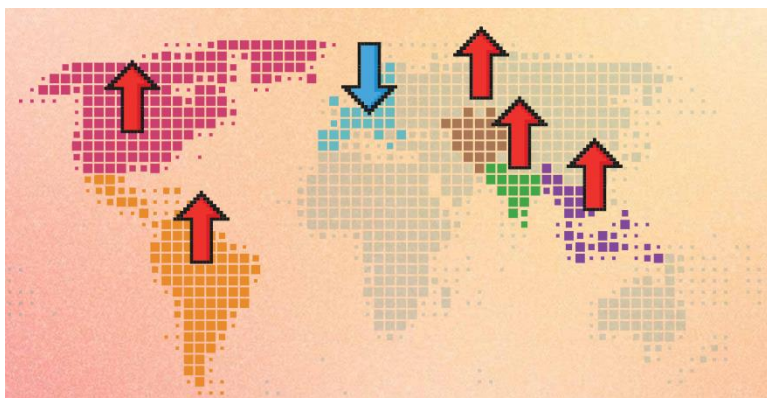
O PROBLEMA COM 'POUCOS'

Pode parecer confuso que os temores de uma “crise de subpopulação” estejam aumentando quando a população mundial mais do que dobrou em apenas 50 anos e a taxa de fertilidade global permanece acima do chamado “nível de reposição” de 2,1 nascimentos por mulher. Alguns começaram a soar o alarme que, se isso continuar, países inteiros ou até mesmo a própria população humana pode "colapsar".

Quais são os fatos?

1. População - Hoje, a única região do mundo que se espera que experimente uma diminuição geral da população no prazo imediato (entre 2022 e 2050) é a Europa, onde se espera um crescimento menor que 7%. As populações de outras regiões – no centro, sul e sudeste da Ásia, América Latina e Caribe e América do Norte – devem continuar crescendo até atingir seu pico antes de 2100.

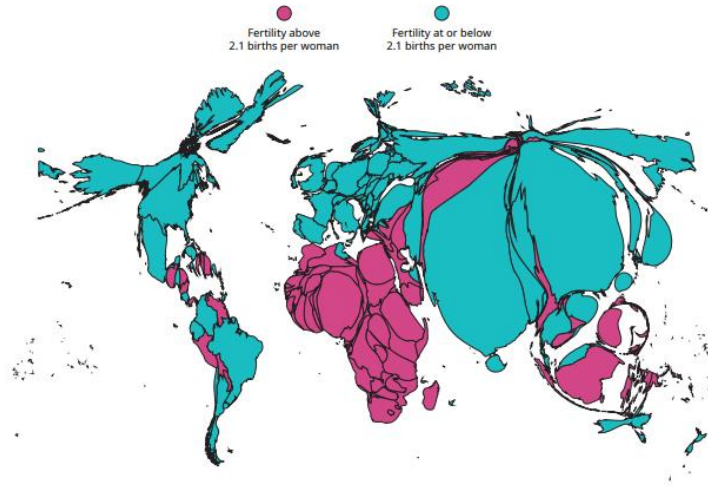
Figura: Aumento ou diminuição da fertilidade por região



Fonte: UNFPA, 2023.

Figura: Mapa de fertilidade mundial por país e território, considerando o tamanho da população

2/3 da população mundial vive em países onde a fertilidade total está abaixo da média global de 2,1 filhos por mulher



Fonte: UNFPA, 2023.

<https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/a-face-feminina-da-migracoes-globais/>

2. Imigração - Taxas de crescimento de fertilidade abaixo de zero existem em muitas partes do mundo desde a década de 1970, sem declínio concomitante na população. Isso ocorre porque muitos desses países têm imigração.

De fato, nas próximas décadas, prevê-se que a migração se torne o único motor do crescimento populacional em países de alta renda.

3. Fertilidade - Em todo o mundo, a fertilidade caiu de uma média de 5 nascimentos por mulher em 1950 para 2,3 nascimentos por mulher em 2021, uma indicação do crescente controle que os indivíduos – particularmente as mulheres – podem exercer sobre suas vidas reprodutivas. Prevê-se que a fertilidade geral caia para 2,1 nascimentos por mulher até 2050.

Mudando a Narrativa

- **Taxas de natalidade despencam e ameaçam a segurança nacional.**
- Os jovens querem filhos, mas não podem pagar por eles. Como as sociedades podem ajudar?
- **Sociedades envelhecendo: a próxima bomba-relógio demográfica do mundo.**

- O mundo se alegra com o aumento da expectativa de vida e os idosos podem desfrutar de uma saúde melhor.
- Taxas de natalidade caem à medida que as mulheres rejeitam a maternidade em números recordes
- O desejo das mulheres pela maternidade é prejudicado pela discriminação de gênero implacável.

Apesar dos temores de que em breve haverá “muito poucas” pessoas para sustentar as economias, serviços e sociedades, os especialistas dizem que a queda nas taxas de natalidade não significa desastre. Em vez disso, são marcas da transição demográfica e se correlacionam com o aumento da expectativa de vida.

Desde 1950, a expectativa de vida média global aumentou quase 28 anos (de 45,51 em 1950 para 73,16 em 2023), acompanhada por um declínio na fertilidade global. Esses desenvolvimentos são uma indicação do crescente controle que os indivíduos, particularmente as mulheres, podem exercer sobre suas vidas reprodutivas – e como a qualidade de vida melhora com o acesso a direitos e escolhas.

Direitos e Escolhas São os Pontos Chaves

É direito básico de todo indivíduo decidir livremente o número e o espaçamento entre seus filhos. Como sociedade global, deve-se garantir a capacidade de tomar decisões sobre a saúde sexual e reprodutiva, livre de discriminação, coerção e violência. Os serviços de saúde devem ajudar a garantir essas metas reprodutivas, serem acessíveis e atender aos padrões internacionais de qualidade. Garantir esses direitos é essencial, especialmente para as mulheres, cujos corpos há muito são usados como ferramentas para afirmar o controle social, político ou religioso.

Intervenções destinadas a influenciar as taxas de fertilidade, sejam elas altas ou baixas, nunca são a resposta, uma vez que essas taxas não são inerentemente boas nem más. Com a abordagem certa, sociedades resilientes podem prosperar, qualquer que seja sua taxa de fertilidade.

RESILIÊNCIA DEMOGRÁFICA - qualidade ou estado de ser capaz de se adaptar e prosperar em meio a mudanças demográficas.

Como as Mulheres se sentem sobre suas escolhas reprodutivas?

Na realidade, a fertilidade pretendida pelas mulheres muitas vezes não corresponde à fertilidade alcançada. Quando as taxas de natalidade se movem para altos ou baixos extremos, isso pode ser um sinal de alerta de que as escolhas reprodutivas das mulheres estão sendo

direcionadas em uma ou outra direção – com profundas consequências para seus corpos, futuros, famílias e comunidades.

É importante ressaltar que o número de filhos que as mulheres desejam ter costuma ser omitido nas conversas sobre taxas de natalidade. Quando se elaboram políticas populacionais sem considerar o que os indivíduos desejam para seus corpos e futuros, perde-se um ponto central: para que uma população seja o mais saudável possível e capacitada para contribuir, inovar e prosperar, seu povo deve desfrutar – como pré-condição – do cumprimento de seus direitos e escolhas.

Mudando a Narrativa

- Como podemos prevenir o envelhecimento da população?
- Como podemos garantir que os idosos sejam apoiados ao longo de suas vidas?

- Como podemos fazer as mulheres terem mais filhos?
- Como podemos apoiar as mulheres em suas escolhas reprodutivas?

- Como podemos impedir que as populações mudem?
- Como podemos antecipar melhor as mudanças populacionais para desenvolver sociedades resilientes?

A pergunta que se deve fazer não é se há pessoas demais ou de menos no planeta, mas se todos os indivíduos estão preparados para prosperar e exercer seu direito humano básico à autonomia sexual e reprodutiva. Atualmente, apenas uma proporção da humanidade tem acesso a esses direitos.

Deve-se defender um mundo em que cada indivíduo seja livre para escolher seu futuro reprodutivo – um mundo em que os países constroem resiliência demográfica adaptando-se às mudanças populacionais, em vez de tentar controlá-las. É importante que os países entendam que as tentativas de restringir os direitos reprodutivos não funcionam. Em vez disso, essas intervenções causam danos e prejudicam as sociedades como um todo, especialmente mulheres, meninas e grupos marginalizados.

Um futuro de 8 bilhões de pessoas exige que se perceba o potencial de todas elas, independentemente de gênero, etnia, nacionalidade ou deficiência, para que cada indivíduo possa contribuir para o nosso futuro coletivo. Um futuro de possibilidades infinitas.

Para acessar o relatório completo, [clique aqui](#). Para acessar o relatório interativo, [clique aqui](#). Para acessar o vídeo, [clique aqui](#).

<https://www.who.int/publications/i>